



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Filosofia

Licenciatura em Filosofia

Nathália de Paula Bernardo Vianna

**Nietzsche e a importância da arte trágica para a vida**

Seropédica

2013

Nathália de Paula Bernardo Vianna

**Nietzsche e a importância da arte trágica para a vida**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – *Campus* Seropédica, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciando em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Celso Pinho.

Seropédica

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**  
**CURSO DE FILOSOFIA**

**Nathália de Paula Bernardo Vianna**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

**MONOGRAFIA APROVADA EM 10 / 12 / 2013.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Celso Pinho  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Bitencourt Haddad  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**CONCEITO FINAL: 8,0 (oito)**

Vianna, Nathália de Paula Bernardo, 1987-

Nietzsche e a importância da arte trágica para a vida/Nathália de Paula Bernardo Vianna. – 2013.  
31f.

Orientador: Luiz Celso Pinho.

Monografia (conclusão de curso) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 30-31.

1. Friedrich Nietzsche – Arte Trágica – Vida. 2. Filosofia. I. Pinho, Luiz Celso. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. III. Título

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, avós (Carlos e Dyrce) e amigos. Cada um ao seu modo ajudou a fazer desta caminhada um sucesso.

## **AGRADECIMENTOS**

Poder agradecer a essas pessoas é a forma que encontrei de demonstrar toda a minha gratidão.

Agradeço primeiramente aos meus pais. À minha mãe que muitas vezes ao me ver desmotivada fez com que eu encontrasse forças para não desistir. Seu amor e confiança em meu potencial me ajudaram a seguir em frente, sempre me mostrando que, por mais que o caminho seja difícil, ele deve ser seguido. Lembrando-me sempre que o conhecimento é a única coisa que ninguém pode tirar de mim. Ao meu pai que sempre esteve ao meu lado, não importando o que acontecesse, me dando sempre o suporte necessário.

Ao meu avô Carlos de Azevedo Bernardo que desde o início contribui para a minha vida acadêmica. Não importando onde estivesse, se manteve ao meu lado. À minha avó Dyrce de Paula Bezerra que também foi uma das pessoas a contribuir para minha educação, me ajudando naquilo que pudesse.

A Luana Aparecida de Oliveira Silva, que me ajudou a manter a calma nos momentos difíceis. Sendo sempre atenciosa e carinhosa, me mantendo focada ao meu trabalho. Espero que este seja apenas o início da nossa caminhada.

Ao meu orientador, Luiz Celso Pinho, que me direcionou, e acrescentou muito neste trabalho com o seu conhecimento. Sendo sempre solícito a toda e qualquer dificuldade que encontrei ao longo da pesquisa. Um mestre que sempre teve uma palavra de sabedoria para me motivar.

Aos meus amigos Camila Oliveira, Robson Duarte, Lisane Irala, Carla Larissa e Erick Costa, que nesta jornada foram indispensáveis para o meu crescimento intelectual, sempre unidos nas dificuldades. E ainda compartilharam muitos momentos de felicidades ao longo destes anos.

À minha amiga Analine Molinário Procópio, que em muitas situações me ajudou a tornar outros projetos possíveis. Sendo sempre cordial e ajudando em tudo que estivesse ao seu alcance.

À minha amiga de infância Mariana do Nascimento Fuly, que me ensinou o valor da amizade. A Luciane Andrade aquela que posso dizer ser amiga de todas as horas.

À professora Sabrina Parracho San'anna, que logo no início da graduação acreditou no meu potencial. Ajudou-me a não desistir e me proporcionou a ingressar na pesquisa acadêmica.

Agradeço ainda a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal.

## **RESUMO**

Este texto tem por intuito mostrar a importância da relação entre Arte e Vida para Nietzsche a partir de uma perspectiva trágica. Consideramos que esse vínculo fundamental permeia grande parte de seu legado filosófico. Seja por considerar a experiência artística como possibilitadora da vida, seja ao atribuir à vida um valor artístico. Portanto, a arte como forma de dar sentido à vida e a vida adquirindo caráter estético são os temas que aqui se entrelaçam. Além disso, mediante a leitura da obra de Nietzsche, foi possível inferir que a tragédia está presente tanto na Arte quanto na Vida, na medida em que subordina ambas a uma grandeza maior. Por fim, entendemos que os escritos nietzschianos não são meramente estudos teóricos, pois nos impelem a uma reflexão sobre a existência e o impacto que a arte tem sobre ela.

## **ABSTRACT**

This paper aims to show the importance of the relationship between Art and Life for Nietzsche from a tragic perspective. We believe that this fundamental bond permeates much of his philosophical legacy, by considering artistic experience as enabler of life or by assigning to the life an artistic value. Therefore, the subjects intertwined here are: (1) the art as a way of giving meaning to the individuals' life; (2) the aesthetic dimension of life. In addition, by the reading of Nietzsche's work, it was possible to infer that the tragedy is present in Art and in Life, insofar both of them are subordinated to a larger greatness. Finally, we think that Nietzsche's writings are not merely theoretical studies, since they drive us to a reflection on the existence and the impact that the art has on her.

## SUMÁRIO

|                                     |       |
|-------------------------------------|-------|
| INTRODUÇÃO                          | p. 10 |
| 1. O PENSAMENTO TRÁGICO             | p. 12 |
| 2. A CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DE ARTE | p. 18 |
| 3. POR UMA VIDA ARTÍSTICA           | p. 23 |
| 4. CONCLUSÃO                        | p. 28 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO           | p. 30 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho está centrado no entendimento de Friedrich Nietzsche a respeito da Vida como expressão de uma sabedoria trágica. Isso requer, por um lado, caracterizar a Vida em termos de Vontade de Potência [*Wille zur Macht*] e, por outro lado, mostrar que a atividade artística deve servir de auxílio à existência humana.

Muitos textos têm sido escritos a respeito da relação entre *arte* e *vida* na obra de Nietzsche. Nosso objetivo reside em desenvolver uma reflexão sobre o tema que seja capaz de contribuir acima de tudo para o aprimoramento de discussões estritamente acadêmicas, mas que permita também desenvolver uma reflexão existencial, tendo em vista que essa discussão poderia servir de ponto de partida para que cada indivíduo enxergue na *arte* uma forma de dar sentido à *vida* e mesmo se dê conta do caráter estético desta última.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo tem, como principal objetivo, explicar o pensamento nietzschiano a respeito da experiência trágica, demonstrando a importância da Grécia antiga para seus estudos. Outro ponto a ser destacado neste capítulo é a relação entre os Deuses Apolo e Dionísio, que funciona como uma forma de explicar a Arte e a Vida. Assim, essa relação é fundamental para questões levantadas nesta monografia, como a Arte justificando a Vida e esta como *obra de arte*.

No segundo capítulo o ponto principal consiste em explicar a importância da Vontade de Potência, e ainda demonstrar o que Nietzsche entende como “metafísica de artista”. Esses temas são fundamentais para entender o que Nietzsche considera como sendo Arte.

No terceiro capítulo situamos o pensamento em relação à Vida. Procuraremos assinalar as relações entre racionalidade, arte e vida no intuito de avaliar até que ponto podem estar ou não em consonância. É também neste capítulo que é possível entender a importância do devir para a Arte e para a Vida.

Por fim, podemos dizer que existem, pelo menos, dois possíveis modos de relacionar Arte e Vida nos textos publicados por Nietzsche. Em um primeiro momento, a Arte é atrelada à verdade da existência, pois é um meio de acesso à essência do mundo. Deste modo, a expressão artística se destaca por ser uma forma de dar sentido à existência. Num segundo momento, a Arte ainda será valorizada, mas a partir de uma nova perspectiva: não mais explica a Vida, ela é a

própria Vida. Nietzsche começa a amadurecer, assim, a ideia de uma existência artística, ou ainda, a atribuir à Vida um valor estético. Nos dois casos, trata-se sempre de ressaltar a supremacia do pensamento trágico.

Consideramos que esses dois aspectos são relevantes tanto para reforçar a contemporaneidade do legado filosófico de Nietzsche quanto para que se possa refletir sobre aquilo que existe de mais importante – a Vida – e ainda oferecer à Arte um lugar à qual ela se faz merecedora.

## 1. O PENSAMENTO TRÁGICO

No livro *O nascimento da tragédia*, Nietzsche elabora um segundo “prefácio” retratando um forte pensamento sobre quem, para ele e naquele momento, retratava um dos maiores artistas de sua época – Richard Wagner. Enxerga em Wagner todos os atributos de um homem trágico, o que torna a sua arte tão magnífica. Nesse início ressalta o quanto admira a arte trágica e que encontra em sua época – século XIX – mesmo que temporariamente, um artista cuja obra trás as características da arte grega. Nietzsche afirma:

Para informação dessas pessoas sérias, declaro que, de acordo com minha profunda convicção, a arte é a tarefa mais elevada e a atividade essencialmente metafísica desta vida, segundo o pensamento do homem a quem quero que seja dedicada esta obra, como a meu nobre companheiro de armas e precursor nesta via (*O nascimento da tragédia*, 2007, p.26).

Nietzsche se dedicou bastante aos estudos a respeito da Grécia antiga, e especificamente, sobre a tragédia. É nesse sentido que acaba trazendo para a contemporaneidade uma reflexão a respeito de o quanto a tragédia grega poderia ser útil para redefinir o homem moderno. Define o trágico como um pensamento de mundo que responde às perguntas fundamentais feitas por nós.

No contexto histórico da Grécia, as tragédias funcionaram como uma forma de mudança da aristocracia para a democracia, isso significa que aquele no poder estaria representando a cidade não por ter nascido em uma determinada família de sangue nobre e sim por ter sido eleito de forma democrática. Pode-se dizer que a tragédia tinha um grande valor na vida do cidadão grego, já que este ainda não tinha uma concepção de *responsabilidade*, como o que se encontra na atualidade: o mundo grego baseava-se em um lugar onde deuses e heróis faziam parte do cotidiano. O conceito de responsabilidade estava diretamente ligado à vida em sociedade, o cidadão grego entende como responsabilidade suas obrigações para com a *polis*; enquanto na atualidade este conceito é entendido pelo cidadão como algo individual. Assim, pode-se perceber que o grego não tem noção de responsabilidade individual.

Os gregos acreditavam que as divindades podiam dominar suas almas fazendo com que enlouquecessem ou que cometessem crimes. Nesta época surge a ideia do direito, no qual se começa a fazer uma distinção entre os crimes

cometidos sem intenção e aqueles planejados. Existem, então, duas formas de se interpretar as atitudes tomadas no universo trágico. Naffah faz a seguinte distinção:

Por um lado, associava-se à noção de *falta* (*hamártema* = “erro” de espírito, poluição religiosa, em que o ser humano é tomado por uma forças sinistras que o arrastam e enlouquecem); por outro lado, era engolfada pela noção legal de *delito* (*adíkema* = delito intencional, que deve ser punido, a ser distinguido de *atýchema*, acidente imprevisível, não passível de punição) (NAFFAH, 1966, p. 38).

Os cidadãos gregos, ao acreditarem que os Deuses podiam influenciar sua alma, extinguíam o sentimento de culpa, o que os libertava do peso da moral. Era esse desprendimento que tornava a tragédia tão fascinante para Nietzsche, já que ele percebia que o homem moderno não conseguia se desvencilhar do fardo de culpado incutido pela religião. O homem trágico sabia que em seu “íntimo” habitava um lado obscuro que ao ser tomado por um Deus era plausível de cometer crimes; porém, não havia sentimento de culpa já que não existe forma de vencer os poderes divinos.

Por outro lado, o grego se apresentava sensível aos sofrimentos humanos, o que acaba por deixá-lo apático e pessimista. Este sentimento radical pessimista é ilustrado por meio de uma lenda popular:

Diz a lenda que Midas, rei da Frígia, encontrando nos bosques o sábio Sileno, que por lá vivia bebendo, rindo e cantando, pergunta-lhe o que existe de mais desejável para o homem, isto é, qual é o bem supremo. A princípio sem querer responder, pressionado, o sábio afinal responde: “Miserável raça de efêmeros, filhos do acaso e da pena, por que me obrigar a dizer o que não tens o menor interesse em escutar?” O bem supremo te é absolutamente inacessível: é não ter nascido, não ser, nada ser. Em compensação, o segundo dos bens tu podes ter: é logo morrer (MACHADO, 2002, p. 17).

Segundo Machado (2002), assim como a arte grega, a religião é de suma importância para os gregos, elas são ligadas pela mesma esfera, pois tanto uma quanto a outra foram criadas para “disfarçar” todo o sofrimento que existia. Os deuses e as artes serviam como uma forma de alegrar e confortar toda angústia e sofrimento por eles sofridos.

Para Nietzsche, existe uma ciência estética, que não se baseia apenas em uma lógica, como também esta se relaciona com a arte. Este desenvolvimento

encontra-se ligado a dualidade existente entre o dionisíaco e o apolíneo. Assim, como o próprio Nietzsche exemplificou no livro *O Nascimento da Tragédia*, homens e mulheres são diferentes, mas, para gerar uma vida que é algo que está acima deles, precisam colocar essas divergências de lado. O mesmo pode-se dizer que ocorre com os estados dionisíaco e apolíneo, que em um dado momento se unem para gerar vida, em um sentido de que vida seja entendida como Vontade de Potência.

Esse raciocínio pode ser encontrado no seguinte fragmento:

Teremos feito muito para a ciência estética quando tivermos chegado não somente a observação lógica, mas também à imediata certeza dessa tomada de posição segundo a qual o desenvolvimento da arte está ligado à dualidade do dionisíaco e do apolíneo: da mesma maneira que a dualidade dos sexos gera a vida no meio de lutas perpétuas e por aproximações somente periódicas (*O nascimento da tragédia*, 2007, p. 27).

É neste ponto que os Deuses – Dionísio e Apolo – se apresentam como forma de explicar a *vida* e a *arte*. Esses dois deuses aparecem em polos diferentes: Apolo como o deus do sonho e Dionísio como o da embriaguez. Assim, quando um indivíduo tem uma ligação com o mundo das artes, por meio de imagens, isto referido ao sonho, torna-se mais sensível a interpretar a vida. E é a partir do sonho que o homem tem o primeiro contato com a arte, produzido pelo Deus Apolo. Sendo que tudo a partir de Apolo é belo e, ao ser comparado com a realidade, torna a vida possível de ser vivida.

Apolo torna a arte bela e para os gregos isso é divino, já que o belo é uma forma de se ter harmonia, o que afasta todo e qualquer sofrimento. Os gregos criam essa beleza já que para eles esta não é algo dada de antemão; mas sim criada, de forma que é necessário buscar essa bela aparência.

O cidadão grego acaba por esconder tudo aquilo que lhe faz mal. Ele encontra um meio de camuflar a verdade por via de um belo estereótipo, aquilo que é sua essência, escondendo-a por baixo de uma boa aparência. Nietzsche entende que não é possível a vida sem esta aparência: o “uno originário” ou “uno-primordial” precisa desta, e é com ilusão que ele rompe com a dor e se junta com a sua beleza exterior.

Para Freitas (2007), Nietzsche chama de “consolo metafísico” a crença de que o homem está inteiramente ligado ao Uno-primordial, o que consiste em nada mais do que uma relação entre essência e aparência, prazer e sofrimento. Tal consolo seria o que permitiria ao homem a afirmação da vida de uma forma ampla e plena, pois a finitude é um componente desta e, ainda que se saiba que a morte é inerente, tal perspectiva seria ainda assim uma afirmação da existência.

Em contrapartida, o Deus Dionísio se faz presente por não se preocupar com o belo, isto é, com as medidas. E ainda rompe como o *principium individuationis*,<sup>1</sup> de modo que a subjetividade não se faz mais presente como no momento Apolíneo. É por meio de bebidas narcóticas, ou mesmo por meio da música, que o indivíduo é posto em um estado de êxtase, e no qual Dionísio aparece. Seus instintos sexuais ficam sobressaltados, o homem deixa de ser escravo dos padrões estipulados socialmente, sua força bruta e cruel se sobressai no estado de embriaguez e todos seus instintos parecem ficar mais apurados.

No estado dionisíaco o passado não tem relevância, a individualidade é exterminada junto com a consciência, o homem começa a se fundir com a natureza, fazendo parte dela. Ao acordar desta embriaguez, o homem percebe que antes de passar por esse estado se encontrava muito longe da verdade, e que foi ele quem criou um mundo de aparência.

A verdade ao ser confrontada se mostra sem medida, a essência da vida não é bela e nem harmoniosa. Dionísio acaba por destruir toda e qualquer vontade da bela aparência, pois uma vez sobre seu efeito o indivíduo conhece a verdade e não quer ser mais enganado, acaba por querer se entregar ao sofrimento comum à vida. É nesta hora que a arte transforma todo esse sofrimento e desgosto causado por Dionísio em Vida. E assim, Apolo, Deus da beleza e do sonho, ressurgue salvando o homem do sofrimento por meio da Arte, já que esta é bela e harmoniosa. Sendo assim, Apolo transforma um fenômeno natural que é o estado dionisíaco em um estado estético, isto é, artístico.

E se essa transformação do dionisíaco puro bárbaro, oriental em arte salva a civilização grega e porque integra a experiência dionisíaca ao mundo helênico aliviando-a de sua força destruidora, de seu “elemento irracional”, espiritualizando-a. A ilusão apolínea, característica da arte, liberta da opressão e do peso excessivo do

---

<sup>1</sup> *Principium individuationis* significa “princípio de individualidade”.

dionisíaco, permitindo à emoção se descarregar em um domínio apolíneo (MACHADO, 2002, p. 23).

Nesta transformação Nietzsche se depara com aquilo que é mais fundamental na arte grega. Pois, tudo aquilo que é considerado letal no estado dionisíaco é transformado em antídoto. Vivenciar Dionísio sozinho, puro, pode ser perigoso, já que este pode levar ao fim a existência. Contudo, a Arte, ao acompanhar Dionísio torna-se algo plausível de ser vivida. Nas palavras do próprio filósofo:

Esses dois instintos tão diferentes caminham lado a lado, na maioria das vezes em guerra aberta, e incitando-se mutuamente para novas criações, sempre mais robustas, para perpetuar nelas o conflito desse antagonismo que seu designativo “arte”, comum em ambos, somente encobre; até que, finalmente por um milagre metafísico da vontade helênica, aparecem acoplados e, nesse acoplamento, geram então a obra ao mesmo tempo dionisíaca e apolínea da tragédia ática (NIETZSCHE, 2007, p.27).

É no encontro simultâneo desses que o dionisíaco artístico aparece. Portanto, a experiência Dionisíaca sozinha não é possível. Ela só é possível através da Arte.

É ao analisar a tragédia grega que Nietzsche entende que a vida só pode ser justificada como fenômeno estético. Essa afirmação pode ser encontrada em *O nascimento da tragédia*, quando Nietzsche (1992, p. 18) afirma: “a existência do mundo só pode se justificar como fenômeno estético”. A vida é sem dúvida repleta de dor, o que leva o indivíduo ao pessimismo, porém este pessimismo é algo que faz parte dela, pois viver não deixa de ser um sofrimento.

“O grego conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência: para que lhe fosse possível viver, era necessário que se interpusesse o fervilhante esplendor do sonho olímpico” (NIETZSCHE, 1992, p. 38). Em um primeiro momento, o pessimismo causado pela arte trágica torna visível todas as contradições inerentes ao mundo; já para o Nietzsche tardio, a negação da vida estaria no movimento contrário em que arte se coloca.

Segundo Araldi (2004, p. 155), trata-se de “suplantar o pessimismo resultante da visão das contradições inerentes ao mundo; [tendo em vista que] para o Nietzsche tardio, a arte seria o contramovimento à vontade niilista de negar a vida”.

Pode-se dizer que Nietzsche ao relacionar Vida e Arte oferece ao indivíduo a chave para ser responsável por sua própria vida. Quando, em *A gaia ciência* afirma “Deus está morto”, proporciona ao indivíduo a chance de ser independente. Essa

independência pode causar certo niilismo. Contudo, Nietzsche chama atenção do indivíduo, para que este tenha consciência de que a Vida tem seus obstáculos, porém cabe a cada um se adequar a ela. No livro *Vida como obra de arte*, podemos ler: “É preciso viver de tal modo que viver não tenha nenhum sentido – e é justamente isso que dá sentido à vida” (DIAS, 2011, p. 14).

À medida que o homem infere em sua vida a arte trágica, este entende o seu sentido. Conforme Dias, (2011, p. 18) “a vida tem como propósito a arte, a arte é uma necessária proteção da vida e a vida só se justifica como fenômeno estético”. Desta forma, o que se pode entender é que a Arte funciona como uma justificativa para a Vida.

É a arte trágica que Nietzsche entroniza como saída, superação, ou como meio de cura do pessimismo. Não a obra de arte trágica, mas o criador, o artista trágico, é quem ‘afirma bravamente o terrível e problemático’, pois está acostumado ao sofrimento heroico (ARALDI, 2004, p. 157).

*Humano, demasiado humano* apresenta um novo pensamento: a arte não mais justifica a vida, agora a vida é a própria *obra de arte*. Assim sua crítica baseia-se na arte institucionalizada que está limitada e, por isso, ela deve ultrapassar estes limites.

A arte deve tirar tudo aquilo que é repugnante na vida e torná-la mais bela. Nietzsche deixa claro que a vida como arte é uma ilusão que esta fundamentada na aparência. No aforismo 174 (“Contra a arte das obras de arte”) de *Miscelânea de opiniões e sentenças*, considera que a arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis e, se possível, agradáveis para os outros. A tarefa de tornar-se suportável é o molde e moderador daquilo que nos limita. Esta vincula os não educados a leis de decoro, e do falar e do calar ao momento certo.

A arte deve ocultar ou reinterpretar tudo que é feio, tudo o que é doloroso, horroroso, nojento, que apesar de todos os esforços, sempre torna a irromper em conformidade com a origem da natureza humana. Deve, portanto, proceder em particular; no tocante às paixões, angústias, dores psíquicas e no que é inevitavelmente ou insuperavelmente feio. Assim, faz com que transpareça o que de fato tem sentido e importância.

## 2. A CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DE ARTE

Ainda que a vida tenha seus momentos de dificuldades, a arte funciona como uma forma de potencializá-la tornando-a antiniilista. Assim, Nietzsche não apenas interpreta a Arte como Vontade de Potência<sup>2</sup> como também é taxativo: a vida é Vontade de Potência [*Wille zur Macht*].

Para Nietzsche, existem forças que são criadoras e forças inferiores de adaptação. Ele vê a vida como uma criação e não apenas como adaptação. A vida como arte tem a função de educar. Em *Além do bem e do mal*, ele afirma: a Vida “é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação” (§ 259). A vida como criação tende a se expandir e, sendo ela Vontade de Potência, precisa impor-se dando uma direção diferente às forças que nos atravessam.

Dias (2011, p. 62) afirma: “O seu conceito de vida, como vontade de potência, adquire, então, a significação de vontade criadora quando as forças criadoras predominam sobre as forças inferiores de adaptação e conservação”. Essas forças são responsáveis pela afirmação da vida, funcionando como transformadora da existência.

Já no que diz respeito à Arte, o filósofo percebe que existe um princípio criador, no qual todo ente tem em si. É o princípio de querer mais, de está sempre em expansão, e é nesta configuração que a potência se mostra. E, ao se mostrar na sua ampla potencialidade, a arte se apresenta em sua forma plena. Desta forma, Nietzsche caracteriza a Arte como Vontade de Potência.

A vida, na época dos planos da vontade de potência, aparece ainda como ‘fenômeno artístico fundamental’, que constrói em condições desfavoráveis, pois ‘a vontade de potência só pode expressar-se vencendo resistências’. O valor da vida reside apenas em nossa interpretação; em si, ela não possui nenhum valor, nenhum sentido (ARALDI, 2004, p. 163).

Na Vontade de Potência existem forças que “se expressam na ‘vida orgânica visível’ e no ‘pensamento criador invisível’”, isto é, em toda as formas de vida (ARALDI, 2004, p.163). Por isso, essas forças aparecem em todos os sentidos da existência. Deste modo, a *obra de arte* deixa transparecer todas as forças existentes na vida e que funcionam como um impulso criador, capaz de se expandir.

---

<sup>2</sup> Uma vontade que quer se expandir, se transformar.

Segundo essa visão 'científica', a vontade de potência se expressaria no homem como arte, no incessante movimento de 'tornar-se senhor sobre o caos que se é', do 'forçar seu caos a tomar forma'. Nessa tentativa de construir uma 'fisiologia da arte', os artistas são vistos como criadores em estados patológicos excepcionais: na embriaguez, na extrema agudez de certos sentidos, na necessidade de imitar (ARALDI, 2004, p. 164).

O caos é configurado na arte, sendo a expressão da Vontade de Potência. Nietzsche defende que a tragédia funciona como um impulso positivo para a vida, pois na tragédia grega o espectador experimenta a verdade, sem o sofrimento causado pela mesma. A arte, assim como a tragédia grega, foi configurada com base na existência, e funciona como afirmadora da mesma. E, segundo Dias (2011, p.15), "a vida foi definida a partir da ótica da arte, que privilegia o aspecto de intensificação da potência".

A embriaguez, geralmente tida como algo que atrapalha a vida, pode ser capaz de impulsioná-la, já que a embriaguez artística não suspende a racionalidade. Não esqueçamos que Dionísio, ao lado de Apolo, transforma a vida em algo possível de ser vivida. Ou seja, de acordo com Dias (2011, p.68), "para Nietzsche, a embriaguez é um estado de plenitude através do qual nós transfiguramos as coisas, nós as elaboramos imaginativamente até que reflitam nossa própria plenitude e nosso próprio prazer de viver". Portanto, a arte, por assim dizer, funciona como uma afirmação da vida, seria ela contra o niilismo que muitas vezes se faz presente.

Por fim, Nietzsche percebe na Arte a fonte para acabar com o niilismo existente. Em contrapartida, ele percebe que o impulso criador decai na medida em que o mundo se abate sobre um empobrecimento dos valores. Nietzsche, ao interpretar a Arte como Vontade de Potência, imagina uma vontade que quer se expandir, se transformar.

Rosa Dias (2011) traz uma reflexão sobre o que Nietzsche entende por Vontade de Potência,

a vida foi definida a partir da ótica da arte, que privilegia o aspecto de intensificação da potência. O conceito de vida adquiriu uma nova significação – vontade de potência – quando Nietzsche privilegiou as forças criadoras em relação às forças inferiores de adaptação. Viver não é apenas adaptar-se às circunstâncias externas: a vida, é antes de tudo, atividade criadora. A adaptação é o resultado da ação da vontade de potência (DIAS, 2011, p. 15).

E ainda diz mais: “é preciso que o pensamento produza uma vida que queira mais vida, que seja a expressão de uma vontade de intensificar a potência” (DIAS, 2011, p. 16). Quanto mais se tem vida, mais esta vontade é intensificada, contudo é preciso deixar claro que a Vida é a própria Vontade de Potência. Portanto, é também a forma de se interpretar o mundo: “Interpretar o mundo não é conhecê-lo, mas criá-lo. É criando o nosso mundo que nos tornamos co-criadores do mundo, porque sem nós, sem nossa interpretação, esse mundo que é nosso não poderia existir” (DIAS, 2011, p. 16).

Na medida em que o homem interpreta o mundo, ele o cria, pois não existe outra forma de esse mundo existir sem que houvesse interpretações. O mundo não está dado, ele precisa ser criado pela nossa interpretação.

Dias (2011, p. 33) afirma: “Para Nietzsche, pensar sentir, avaliar são sempre sintomas das formas de vida, de sua plenitude, de sua potencialidade ou de suas obstruções, seus cansaços e empobrecimentos”. Não importa quais interpretações damos ao mundo, mas é na medida em que pensamos e refletimos é que atribuímos sentido à Vida. Não existe mundo sem reflexão e sem interpretação.

Segundo Deleuze (1976, p. 83), “a concepção nietzschiana da arte é uma concepção trágica”. Talvez esta citação seja a que mais resume o pensamento nietzschiano a respeito da arte, pois subordina o trabalho artístico a uma sabedoria mais fundamental da vida. Daí podermos afirmar que Nietzsche foi o primeiro pensador a considerar a criação artística como a única potência possibilitadora e justificadora da afirmação da vida.

Heidegger elabora outra reflexão a respeito da vida como vontade de potência. Para ele, a arte ocupa um lugar hierárquico, não é apenas um conceito. Ela funciona num movimento contrário ao niilismo e como uma estética fisiológica. Essa estética é um estado natural em que o indivíduo se encontra e que permite que ele entre em contato com a Arte.

A fisiologia da arte só se percebe como um objeto natural quando está sobre o estado de embriaguez, caso contrário não existe nenhuma reflexão sobre o seu desencadeamento, dado que a natureza não concebe formas de decisão. Já o movimento contrário ao niilismo, ocorre na mudança de valores. Dessa forma, a fisiologia da arte está estritamente ligada ao niilismo, na medida em que a fisiologia estética é parte fundamental para que haja um movimento contrário ao niilismo.

A arte funciona como uma fonte de afirmação da vida, ainda que todos saibam o quanto a vida pode ser difícil e complicada. O indivíduo encontra na arte uma maneira de encarar todo e qualquer sofrimento. Ainda que tenhamos total conhecimento do quanto a Vida pode ser cruel, temos a necessidade de afirmá-la, e é devido a essa afirmação que a arte se faz indispensável.

A arte, no que diz respeito ao conhecimento trágico-dionisíaco, funciona como uma ajuda para que o homem saiba lidar com tudo que existe de mais cruel e ruim no mundo. Apolo salva o homem com a aparência, já que esta mascara tudo de horrível, ele esconde aquilo que Dionísio deixa transparecer, a realidade.

Freitas argumenta a respeito da arte trágica, e afirma que para Nietzsche,

foi da mais profunda dor da vida que a cultura grega alcançou os contornos da arte trágica. Tratava-se de um povo com perfil trágico propenso à metafísica de artista, por ter conhecido e vivido os abismos mais profundos da existência (FREITAS, 2007, p. 47).

Quando Nietzsche aborda a Metafísica, não está se referindo ao seu aspecto ontológico que tem como objetivo encontrar a verdade na essência das coisas. Ele não quer discutir sobre os problemas do Ser, e sim sobre o problema do Valor. Sua “metafísica” pode ser resumida a uma *metafísica dos valores*.

O que o filósofo descreve como a “metafísica do artista” corresponde à única maneira de o homem ter uma experiência de vida em contato com a Arte. Na medida em que ele se depara com a Arte ele tem uma experiência de Vida.

“Metafísica de artista” é a concepção de que a arte é atividade propriamente metafísica do homem, a concepção de que apenas a arte possibilita uma experiência da vida como sendo no fundo das coisas indestrutivelmente poderosa e alegre, malgrado a mudança dos fenômenos (MACHADO, 2002, p. 29).

A arte trágica toma o palco principal, não sendo vista com olhares desinteressados, ela não serve como uma catarse, uma purgação, como pensava Aristóteles. A arte é Vontade de Poder, ela quer mais, pede mais, não necessita de uma função ou finalidade. Existe uma necessidade para que ela seja afirmativa, para que haja um espectador, pois tudo que é belo precisa ser contemplado.

Segundo Deleuze (1976, p. 84), ao refletir sobre a arte do ponto de vista nietzschiano, “a arte é sempre julgada do ponto de vista do espectador e de um espectador cada vez menos artista”.

A arte também pode ser vista como falsa, na medida em que mascara a realidade. Assim, surge a necessidade da *vontade de enganar*. A aparência feita em cima da realidade, reproduzida pelo artista, não é uma inverdade, apenas é uma maneira que o artista proporciona para se chegar à verdade. Por isso a importância da aparência, pois a veracidade também se encontra na aparência.

### 3. POR UMA VIDA ARTÍSTICA

Ao se deparar com a oposição entre vida e pensamento no *Nascimento da tragédia*, Nietzsche nos faz refletir sobre o pensamento em oposição à vida. Isso ocorre, pois em muitos casos se costuma associar o conhecimento ao fim último da existência, filosófica ou não, como se este fosse o responsável por dar o veredito final aos acontecimentos.

Em contrapartida, o que ocorre no campo artístico é totalmente diferente, quando se pensa neste como forças criativas, incapazes de serem definidas por um saber absoluto. Para Nietzsche, prevalece a equação Arte = Vontade de Potência. É devido a essas forças que a Arte se consolida como um saber autêntico, sem se prender a nenhum saber dado. Dessa forma, pode-se pensar que o conhecimento acaba indo na contramão da própria existência, pois para Nietzsche “o conhecimento se baseia em um modelo engessado, enquanto a vida está sujeita a forças que são incapazes de serem controladas e moldadas.”

O conhecimento opõe-se à vida porque exprime uma vida que contradiz a vida, uma vida reativa que encontra no próprio conhecimento um meio de conservar e de fazer triunfar o seu tipo. (Assim, o conhecimento dá à vida leis que a separam do que ela pode que a poupam de agir e proíbem-na de agir, mantendo-a no quadro estreito das reações cientificamente: observáveis: mais ou menos como o animal num jardim zoológico. Mas esse conhecimento mede, limita, modela a vida é todo elaborado sobre o modelo de uma vida reativa, nos limites de uma vida reativa) (DELEUZE, 1976, p. 82).

É nesse contexto que logo se imagina uma *obra de arte* na qual existam peculiaridades que fazem dela única, autêntica. Dessa mesma maneira é possível pensar a Vida, de forma original e, porque não dizer, “verdadeira”. Quando Nietzsche faz sua crítica à Metafísica, se dirige à sua pretensão de conhecer as coisas em sua essência, e dessa forma acredita na existência de uma verdade absoluta.

Diferente do conhecimento racional que tem o dever de ser taxativo em relação à *verdade*, a Arte proporciona ao indivíduo uma sabedoria mais abrangente, calcada em transformações e interpretações. Essa postura artística pode também ser atrelada à Vida, isto é, pensar a vida como a própria Arte. Dessa forma, Nietzsche pensa na Arte sendo, ela, *obra de arte* ou relacionada à Vida. Dias (2011, p.57) afirma: “é uma postura artística diante da vida que Nietzsche contrapõe à

vontade de saber. Aqui, a palavra ‘arte’ tem um sentido abrangente para ele. Vale como nome para toda forma de transfiguração e de potência criadora”.

Sendo Nietzsche um grande admirador do pensamento pré-socrático, especificamente de Heráclito de Éfeso, já que este criticava essa necessidade de se encontrar verdades absolutas. Tal ideia pode ser encontrada na seguinte afirmação:

O que é certo é que o seu ceticismo em relação à filosofia ocidental desde Parmênides e Platão não proveio de um radicalismo que considera insuficiente a questão ontológica da metafísica e que pretende ultrapassá-la, porquanto ela não coloca o problema do ser de maneira verdadeiramente decisiva (FINK, 1988, p.15).

Ainda, segundo Fink, Nietzsche rompe com a Metafísica e com a tradição, pois, segundo ele, esta é uma forma de enfraquecer a dinâmica vital da existência. Para Nietzsche, a *metafísica ontológica* traz o declínio do indivíduo. Esse pensamento fica em evidência na seguinte afirmação de *O nascimento da tragédia* (Nietzsche, 1992, p.18): “é a arte – e não a moral – que é apresentada como a atividade essencialmente metafísica do homem”.

Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche faz a seguinte afirmação:

O que resta da arte. – É verdade que, existindo certos pressupostos metafísicos, a arte tem valor muito maior; por exemplo, quando vigora a crença de que o caráter é imutável e de que a essência do mundo se exprime continuamente em todos os caracteres e ações: a obra do artista se torna então a imagem do que subsiste eternamente, enquanto em nossa concepção o artista pode conferir validade à sua imagem somente por um período, porque o ser humano como um todo mudou e é mutável, e tão pouco o indivíduo é algo fixo e constante – o mesmo sucede com outra pressuposição metafísica: supondo que o nosso mundo visível fosse apenas aparência, como pensam os metafísicos, a arte estaria situada bem próxima do mundo real: pois, entre o mundo das aparências e o mundo dos sonhos do artista haveria muita semelhança; e a diferença que restasse colocaria até mesmo a importância da arte acima daquela da natureza, porque a arte representaria o uniforme, os tipos e modelos da natureza (Nietzsche, 2000, § 222).

É por essa perspectiva que Nietzsche reflete sobre o estatuto filosófico-existencial do pensamento. Segundo Deleuze, Nietzsche interpreta o conhecimento como um pensamento que ofereceria à Vida uma forma de expansão de nossas capacidades. Ambos se sucederiam no esforço inacabável de uma criação inaudita.

Pensar significaria, enfim, nas palavras dele, *descobrir, inventar novas possibilidades de vida*.

Em um lugar de um conhecimento que se opõe à vida, um pensamento que afirme a vida. A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida. Ambos iriam no mesmo sentido, encadeando-se e quebrando os limites, seguindo-se passo a passo um ao outro, no esforço de uma criação inaudita. Pensar significaria descobrir, inventar novas possibilidades de vida (DELEUZE, 1976, p.83).

Ainda, segundo Deleuze (1976), a vida ultrapassa barreiras impostas pelo conhecimento. Já o pensamento acaba por derrubar a barreira que a própria vida impõe. É nesse aspecto que a Vida poderia transformar o *cogito* em algo a serviço de uma necessidade de afirmação.

Nietzsche apresenta a essência da arte através de um pensamento ativo, que apresenta a vida como algo afirmativo. Assim, o conhecimento pode ser visto como um opositor à autenticidade, na medida em que ele exprime um conhecimento que não retrata a realidade da vida.

Diferente do conhecimento que não se reconhece sujeito ao devir, para a Vida não existem verdades absolutas e, por isso, ela é única. Diferente do conhecimento, a Arte se mostra autêntica, da mesma maneira que a Vida também é “mundana”, isto é, faz parte das coisas que estão presente no mundo e, por isso, Nietzsche o considera como verdadeira. Note-se que ele entende por *verdadeiro* aquilo que está em consonância com a dinâmica fundamental da vida.

Por essência, ela é criação generosa de formas; é artista e, como acontece em toda atividade artística, não visa a nada fora da própria atividade. Tal como o pintor que pinta por pintar e o músico que toca por tocar, a vida vive por viver. É preciso viver de tal modo que viver não tenha nenhum sentido – e é justamente isso que dá sentido à vida (Dias, 2011, p.14).

Deleuze (1976, p.82) afirma em *Nietzsche e a filosofia*: “Então Nietzsche censura o conhecimento não mais por tomar a si mesmo como fim, e sim por fazer do pensamento um simples meio a serviço da vida”.

Quando o *conhecimento metafísico* torna-se uma imposição, ele não deixa espaço para o Devir. Contudo, é exatamente quando este se faz presente que é possível pensar a vida de forma verdadeira. O conhecimento não deve ser algo

limitador e nem modelador, ele deve ser mais do que isso: é libertador na medida em que rompe as barreiras postas pelas verdades absolutas e deixa que o devir transforme essas verdades em uma *obra de arte*.

A mesma força criativa que se encontra na Vontade de Potência aparece nas obras de arte e na Vida, e permite que essas forças criativas estejam sempre em expansão. Dessa forma, a Vida se encontra em infinita expansão, na qual existem inúmeras interpretações (variável conforme cada transformação).

Nós os pensantes-que-sentem, somos os que, de fato e continuamente, fazem algo que ainda não existe: o inteiro mundo, em eterno crescimento de avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Esse poema de nossa invenção é. Pelos chamados homens práticos (nossos atores, como disse), permanentemente aprendido, exercitado, traduzido em carne e realidade, em cotidianidade. O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores! O mundo que tem algum interesse para o ser humano, fomos nós que o criamos! (NIETZSCHE, 2001, § 301).

Portanto, assim como a *obra de arte* é considerada Vontade de Potência, a Vida também pode ser pensada como criadora. A Arte encontra-se propensa a fomentar forças criativas que permitem que ela esteja em constante mudança, fazendo de cada *obra de arte* algo único. O mesmo pode ser observado na existência de cada indivíduo, ao se pensar que a Vida está sujeita ao devir.

Por séculos tentaram fazer da *vida* o mesmo que ocorre na esfera do *conhecimento*, fazendo que este fosse “enjaulado” e “engessado”, como algo incapaz de ser mudado. Porém, a vida está sujeita ao devir, a forças incapazes de serem controladas, e são nestas intermináveis mudanças que se pode afirmá-la de modo criativo e inovador.

A doutrina da vontade criadora, a vontade como força artística, tal como Nietzsche a concebe, é uma nova maneira de pensar que se aplica ao devir. Não há começo, nem ponto final; tudo está ainda por se fazer. E dizer que tudo está em mudança, é dizer que tudo está sujeito às leis da destruição (Dias, 2011, p.70).

Sendo assim, a relação entre Arte e Vida nos escritos de Nietzsche oferece ao indivíduo a oportunidade de pensar a existência por um prisma autêntico, ou seja,

em consonância com a Vontade de Potência, na qual a Arte se apresenta como sendo a própria vida e, esta, precisa ser afirmadora. Na medida em que a Vida é passível de toda e qualquer mudança é que se permite fazer dela única. O Devir, ao se fazer presente, permite que nossa existência seja semelhante à Arte, que se torne uma forma única de ser: uma *vida artística*.

#### 4. CONCLUSÃO

Esta monografia abordou duas possíveis formas de relacionar Arte e Vida na obra de Nietzsche. Procuramos assinalar, num primeiro momento, que a Arte encontra-se atrelada à verdade da Vida, pois é um meio de acesso à essência do mundo. Num segundo momento, o valor da Arte não residirá no fato de ela explicar a Vida, mas sim por ela se confundir com a própria Vida.

A Vida passa então a ser percebida sobre o prisma de uma sabedoria trágica, isto é, independente dos infortúnios aos quais os indivíduos são submetidos, a existência humana ainda é passível de beleza. Pois, assim como a arte trágica está submetida ao devir, o mesmo também se aplica à Vida. Sendo assim, as semelhanças entre essas duas instâncias nos levam a afirmar que ambas se complementam.

Tanto no que diz respeito à *obra de arte* contemplativa quanto à própria existência, Nietzsche aplica o princípio da Vontade de Potência. Pretende, com isso, ressaltar que o mundo encontra-se regido pela transformação, pela ação de forças criadoras. Dessa forma, a atividade artística funciona como um meio de reabastecer a existência humana, oferecendo a ela a motivação necessária para que a Arte funcione como motivadora da Vida.

Se o indivíduo, ao se deparar com o artista trágico, percebe o quanto a vida é passível de sofrimento, ele também tem a possibilidade de transformar a sua vida em *obra de arte*, afastando dela tudo que a empobrece. O ser humano acaba sendo o artista da sua própria vida, e faz da sua existência sua *obra de arte*.

A arte trágica permite ao artista entender que tanto a Arte quanto a Vida estão subordinadas ao devir, àquilo que surpreende e que não permite que nada permaneça o mesmo. O devir parece ser o cerne da questão tanto para a Arte quanto para Vida. O grego percebia a impossibilidade de ter nas mãos as certezas sobre a sua existência, pois, estava subordinado às inconstâncias impostas pela Vida. O homem moderno, por sua vez, não entende as mudanças que acometem sua vida: limita-se a buscar conhecer a verdade em sua totalidade e, assim, não consegue viver de forma plena.

É neste aspecto que Nietzsche é um grande crítico da Metafísica, por não acreditar em verdades absolutas. Para ele, o Devir é algo primordial para Vida na medida em que permite oferecer a ela inúmeras interpretações.

Sendo assim, o que esta Monografia procurou mostrar é que nos escritos nietzschianos encontramos mais do que um estudo de cunho teórico-filosófico: eles também proporcionam um saber sobre como aproveitar todas as nuances da vida, sobre o prisma de uma existência artística.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARALDI, Clademir Luís. Arte e niilismo no pensamento de Nietzsche. *Ethica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1 e 2, p. 155-168, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio: Rio de Janeiro: 1976 [1962].

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. Nietzsche e Foucault: *a vida como obra de arte*. In: KANGUSSU, I.; PIMENTA, O.; SÜSSEKIND, P.; FREITAS, R. (Orgs.). *O cômico e o trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 41-55.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. 2ª ed. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Presença, 1988 [1960].

GRANIER, Jean. *Nietzsche*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Volume I. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1936-1937].

IZQUIERDO, Agustín. *Friedrich Nietzsche, o el experimento de la vida*. Madri: EDAF, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001 [1881-1882].

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000 [1878].

\_\_\_\_\_. *Miscelânea de opiniões e sentenças*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1879].

\_\_\_\_\_. *O livro do filósofo. [Estudos teóricos]*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007 [1872-1875].

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia [no espírito da música]*, ou helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992 [1872].

NETO, Alfredo Naffah. *A vida como valor maior*. São Paulo: FTD, p. 36-50, 1996.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, p. 17-33, 1999.

MENDONÇA, Alexandre. *Ecce homo: um livro quase homem*. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 4, p. 51-62, 1998.

PINHO, Luiz Celso. A vida como uma obra de arte: esboço de uma ética foucaultiana. In: COSTA, A. A.; MORAES, F. J. D; MEDEIROS, N.; RAMOS, P. H. V. (Orgs.). *Ética e alteridade*. Seropédica: EDUR, p. 1-13, 2010.